

*JOÃO LUÍS FONTES*  
*MARIA FILOMENA ANDRADE*  
*TIAGO PIRES MARQUES*  
*(COORDENAÇÃO)*

**VOZES DA**  
**VIDA RELIGIOSA FEMININA**  
**EXPERIÊNCIAS, TEXTUALIDADES**  
**E SILÊNCIOS (SÉCULOS XV-XXI)**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS  
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA  
PORTUGUESA

LISBOA 2015

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as mulheres, na especificidade das suas experiências históricas e das categorias de género que lhes estão associadas, chegaram tarde a Portugal. Iniciados nos finais dos anos 60 do século XX, nos Estados Unidos da América, no contexto dos movimentos reivindicativos (contra a guerra e anti-raciais) que assolaram a sociedade americana e envolveram muitas mulheres intelectuais que, nessa altura, lutavam igualmente pelos seus direitos, tais estudos chegaram a Portugal já nos finais da década de 70, após a Revolução do 25 de Abril. Embora escassos e esporádicos, estes refletem, claramente, as tendências da investigação histórica coeva que incorporou os conceitos feministas e de género, recorrendo a uma pluralidade de fontes e metodologias. Os períodos mais tratados são, então, os séculos XIX e XX, épocas banidas pela historiografia do Estado Novo e agora recuperadas. Destas primeiras tentativas (esporádicas e lacunares) passou-se a uma gradual institucionalização das temáticas associadas ao estudo das mulheres, com cidadania reconhecida nos *curricula* universitários e em cursos específicos, sobretudo no âmbito de mestrados e doutoramentos. Tal movimento espelhou-se, de forma mais consistente, num aumento dos trabalhos universitários consagrados a estas temáticas, mais significativo a partir da década de 90 do século XX. Esta seria, aliás, a década da produção, em França (1991-1992) e em Espanha (1997), de duas *Histórias das Mulheres*, a primeira rapidamente traduzida para português (1993), e do surgimento, entre nós, das primeiras revistas, no âmbito das ciências sociais, consagradas aos estudos de género (*Faces de Eva*, dirigida por Zília Osório de Castro, e a revista *Ex aequo*, da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, ambas com o primeiro número editado em 1999).

Atualmente, as temáticas e as épocas alargaram-se. A História das Mulheres pauta-se agora pela diversidade de temas e de abordagens, mas ainda busca um caminho que importe cimentar, concretamente, uma perspetiva de história de género que reconheça nas mulheres agentes, ao lado do homem, na construção da sociedade, mas também as estruturas históricas de dominação masculina em que se moveram. Por outro lado, hoje ainda se estuda mais as mulheres na

época contemporânea, ou então grandes figuras como as rainhas e as princesas, esquecendo-se outras épocas e outras vivências.

Na história religiosa, e em particular na história do cristianismo, as vozes das mulheres têm estado particularmente ausentes tanto por razões historiográficas como por razões propriamente históricas. Com efeito, o lugar das mulheres no cristianismo foi, desde o seu início, marcado pela tensão entre a ideia de igual dignidade diante de Deus e uma interdição sacerdotal e apostólica com efeitos nas possibilidades de se fazerem ouvir. Por exemplo, na *Carta aos Gálatas* pode ler-se: “Chegada a fé... já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo” (Gal. 3, 25-28). No entanto, também em São Paulo se lê que as mulheres não devem tomar a palavra nas assembleias de culto (1 Cor. 14, 34-35). Mas é obviamente em cada contexto histórico específico que a maior ou menor capacidade de interlocução e agência das mulheres se deve observar. Em todo o caso, é inegável que muitos universos cristãos, e nomeadamente nos que à história do catolicismo se referem, se estruturaram sobre uma distinção rígida entre homens e mulheres, com consequências significativas nas formas de vida religiosa, no seio das ordens e entre os leigos.

Esta problemática específica tem sido objeto de grande número de estudos. Porém, estes tendem a centrar-se no tópico da santidade e nas representações da mulher. Clericais, hagiográficas, teológicas, inquisitoriais, entre outras, estas são quase sempre representações de homens ligados à instituição eclesiástica. A partir do século XII, porém, a via mística e novas formas de vida comunitária permitiram às mulheres aceder à palavra religiosa, ainda que o discurso religioso feminino permanecesse excepcional. Sempre objeto de suspeita, tal discurso foi sistematicamente submetido a um rigoroso escrutínio clerical, a variadas formas de disciplina e silenciamento, quando não a vigilância médica.

Reconhecendo a importância desta problemática e a sua pouca presença na historiografia portuguesa, a linha de investigação “Formas de vida religiosa, identidades e pertenças” do Centro de Estudos de História Religiosa propôs-se realizar umas jornadas de estudo com o objetivo de perscrutar o que as mulheres portuguesas têm dito sobre si próprias, em vários contextos de vida religiosa e espiritual, consagrada ou laical, e não o que sobre elas se disse, escreveu ou representou. Os textos que aqui se reúnem são, em larga medida, o resultado dessas jornadas, com temáticas que vão das leituras, da produção literária e das estratégias discursivas de algumas monjas e leigas, ao seu ímpeto fundacional ou ainda às expressões musicais existentes e desenvolvidas nos mosteiros.

Gilberto Coralejo Moiteiro abre este itinerário com um estudo intitulado “Texto e experiência religiosa feminina. Estratégias discursivas hagiográficas no seio da observância dominicana portuguesa”. Partindo da análise das estratégias discursivas utilizadas pela autora da *Crónica da Fundação do Convento de Jesus*

*de Aveiro*, certamente uma das monjas dessa comunidade de dominicanas, que escreve entre 1513 e 1525, o autor demonstra como estas servem claramente o intuito fundamental da obra, a saber, a plena identificação do seu auditório com os modelos de comportamento e de vivência religiosa nela apresentados.

Isabel Morujão, no seu estudo “Uma tipologia de quase silêncio – Um sermão de clarissa: texto e contexto”, analisa e edita o *Sermão do Glorioso Santo Aleixo* (1699), redigido por uma clarissa portuguesa do convento de Nossa Senhora da Esperança de Lisboa. Obra singular entre a produção monástica feminina, por se reportar a um género quase exclusivamente reservado aos homens, o *Sermão* é aqui cuidadosamente estudado, reconstituindo-se as circunstâncias que devem ter presidido à sua redação, a sua finalidade e provável autoria.

Um acesso privilegiado às fontes e um fundamentado e profundo conhecimento do mosteiro cisterciense de Cástris faz da análise de Antónia Fialho Conde, em “Expressões de religiosidade e misticismo no *jardim fresco e ameno* de S. Bento de Cástris”, um importante contributo para a compreensão do movimento devocional contra-reformista que se viveu nos conventos e neste caso em Cástris, revelado, tanto na produção literária e nas práticas de piedade como numa expressão artística menos conhecida dos cenóbios, a música.

No âmbito da mesma expressão artística – a música – mas no contexto do fado, Cátia Tuna, em “A voz religiosa feminina no repertório das cantadeiras de fado (c.1930-c.1960)”, procura, segundo as suas próprias palavras, “estudar a forma como a mulher fadista exprime uma intencionalidade de natureza religiosa na construção e na forma como faz uso da voz para se sublevar como protagonista no âmbito social e espiritual.”

Voltando ao ambiente monacal, Fernanda Maria Guedes de Campos analisa as leituras protagonizadas pelas monjas em “Vidas exemplares femininas nas leituras do Convento de Santo Alberto, Lisboa (século XVIII)”. O estudo, feito a partir de inventários de livros que existiam, regra geral, nas casas religiosas, destaca os livros de “vidas prodigiosas” de santos e santas. A voz feminina alia-se muitas vezes a preferências de obras que refletem a realidade da mulher.

Em “Joana de Jesus (1620-1680). Ânias amorosas a partir de João 20:17”, a investigadora Joana Serrado mergulha no texto dessa mística e monja cisterciense, procurando analisar como Joana de Jesus desenvolve toda uma exegese do texto de S. João a partir do conceito místico e filosófico de “ânias amorosas”.

Em “Vozes femininas na génese de institutos regulares: Genoveva Maria do Espírito Santo (1732-1821) e o Mosteiro de Vila Pouca da Beira”, Maria Luísa Jacquinet debruça-se sobre uma fundadora não-institucional do mosteiro do Desagravo do Santíssimo Sacramento, perscrutando a sua vida e devoções.

Por fim, Paula Borges Santos dirige o nosso olhar para os séculos XX e XXI e, em “Aspetos do discurso religioso de Maria de Lourdes Pintasilgo (1968-2004): a experiência da fé e o papel das mulheres no cristianismo”, analisa o discurso

religioso de Maria de Lourdes e toda a sua formação e atividade na Igreja, revelando uma clara necessidade de fundar uma *nova Igreja*, valorizando nela o papel da mulher com uma espiritualidade própria.

A este conjunto de estudos acrescem dois outros textos, de teor algo distinto, que decidimos incluir nesta obra e que, de algum modo, servem de pórtico de entrada para a leitura dos restantes. O primeiro, intitulado “As mulheres na vida religiosa portuguesa: fontes, itinerários e problemáticas”, da autoria de Ivone de Freitas Leal, corresponde à entrada sobre a “Mulher” por ela redigida para o *Dicionário da História Religiosa* do CEHR. O seu carácter pioneiro e a forma como coloca os problemas pareceram-nos merecer esta reedição, que tivemos o cuidado de integrar e de reorganizar em ordem a tornar o texto mais legível e pertinente. A este se juntou o ensaio de Zulmira C. Santos, intitulado “Escrita conventual feminina: um “arquipélago submerso”. Apenas algumas notas”, no qual a autora propõe um conjunto de considerações, de cariz mais epistemológico, relativas ao estudo da escrita conventual feminina, sobretudo para o período dito “Moderno”, retomando e desenvolvendo alguns dos comentários por si inicialmente tecidos, a convite da organização, no decurso das Jornadas de Estudo.

Resta-nos agradecer a todos os autores e a quantos aceitaram integrar o círculo mais vasto de reflexão – da comissão científica aos comentadores convidados para questionarem os intervenientes durante as Jornadas e ao comité de leitura dos textos finais – contribuindo para o maior rigor, espessura e profundidade dos textos aqui apresentados. Esperamos, com este volume, alargar o âmbito das pesquisas sobre a mulher religiosa e dinamizar os estudos sobre esta temática, tornando as vozes, os silêncios e os silenciamentos das mulheres, mais audíveis, pelo menos na historiografia.

*João Luís Inglês Fontes*  
*Maria Filomena Andrade*  
*Tiago Pires Marques*